



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

Versão para registro histórico

Não passível de alteração

CENTRO DE ESTUDOS E DEBATES ESTRATÉGICOS		
EVENTO: Reunião de Trabalho	Nº: 0533/13	DATA: 15/05/2013
INÍCIO: 15h10min	TÉRMINO: 15h58min	DURAÇÃO: 00h48min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 00h48min	PÁGINAS: 16	QUARTOS: 10

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

SUMÁRIO: Reunião para tratar da Medida Provisória nº 610, de 2013.

OBSERVAÇÕES

A reunião não se iniciou nem se encerrou formalmente.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Boa tarde a todos e a todas.

Eu queria saudar o Dr. Luiz Henrique Cascelli, Secretário-Executivo do Conselho e Diretor da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados.

Queria saudar os colegas Deputados José Linhares, Cesar Colnago e Betinho Rosado, que nos honram com suas presenças.

Nós hoje resolvemos conversar sobre o que tem sido feito pelo Conselho Monetário Nacional e sobre a regulamentação da Medida Provisória nº 610 em relação às Resoluções nºs 4.210, 4.211 e 4.212.

Eu gostaria de dizer que estou decepcionado com esta MP 610. Para mim, ela é apenas uma cópia das Resoluções nºs 4.210, 4.211 e 4.212.

Eu nunca vi, Deputado Betinho, uma época de seca tão difícil. Todos os grandes conhecedores da região — cientistas, professores, pessoas abalizadas — têm dito que é a maior seca dos últimos 40 ou 50 anos na região. Em todas essas oportunidades, haviam sido perdoadas as dívidas dos produtores rurais. Agora, pelo contrário, as medidas têm sido cada vez mais paliativas. Por isso nós precisamos tomar uma posição nesta Comissão, que foi encarregada de fazer um trabalho sobre a convivência do homem com a seca.

Esse sucesso foi muito grande. Todos saíram impressionados, porque, em vez de medidas paliativas, nós procuramos mostrar medidas de convivência com a seca, que é do que precisamos. Nós não precisamos de esmola; nós precisamos de ações. Nós precisamos de pecuária, de agricultura e de uma infraestrutura que permita que o cidadão viva na região mesmo nos períodos de estiagem.

Por isso eu gostaria de dizer que nós precisamos ler algumas coisas que foram colocadas aqui sobre o que não foi feito nesta MP 610. Algumas situações não contempladas pela medida, como o público-alvo; as liquidações com desconto; agricultores de outras partes, que não são da agricultura familiar, como os miniprodutores rurais, o pequeno, o médio e o grande; o público-alvo das renegociações (a agroindústria e demais empresas dos referidos Municípios); a possibilidade de liquidação e/ou renegociações das operações contratadas de 2006 até 2010, considerando os tomadores de crédito que contrataram as operações que foram afetadas pela seca; a autorização para fiquem adiados os procedimentos de



cobrança judicial e suspensas as execuções judiciais e os respectivos prazos processuais referentes às operações passíveis de renegociação até 30 de dezembro de 2013; a dispensa da exigência de certidões negativas e regularidade no CADIN para contratação de operações com amparo na Lei nº 12.716, já que não é um novo crédito, mas a renegociação de créditos anteriores; a expansão dos benefícios de renegociação da dívida para clientes cujo somatório dos contratos originais não ultrapassem 100 mil reais.

Eu gostaria de dizer que a presença do representante do Banco do Nordeste para falar sobre esse assunto neste Centro de Estudos e Debates Estratégicos foi um fracasso, um fracasso completo, uma das piores intervenções que eu já vi. Ele apenas leu as Resoluções nºs 4.210, 4.211 e 4.212, muito vexado, e não debateu com ninguém. Estava até, eu acho, com medo, porque o que ele trouxe aqui não foi nada, nada do que o Nordeste precisa.

Então, nós precisamos de, cada vez mais, tomar medidas efetivas — nós da bancada do Nordeste, que somos nordestinos. O Nordeste e todos os brasileiros, sobretudo do norte do Espírito Santo, que é área da seca, e do norte de Minas Gerais, da região de Montes Claros, que também é área da seca, precisam de medidas efetivas, e não dessas medidas paliativas que estão sendo tomadas pelo Governo da Presidente Dilma.

Eu gostaria de dizer que sou da base do Governo, mas nunca vi uma seca ser tão pouco assistida como essa. É só no papel, só no papel. Todo dia liberam coisa, todo dia, mas não chega à ponta. Não, não chega à ponta quase nada, apenas uma cisternazinha, uns pocinhos, pequenos açudes, açudes de 300 mil metros cúbicos que em setembro já estão secos. Se encherem em março, em setembro ou em outubro já estarão secos.

Nós precisamos é de açudes, é de barragens, é de poços profundos. Nós precisamos é de fazer a captação de líquidos. Nós precisamos é de distribuir uma cisterna em cada casa da zona rural. Precisamos transformar as casas de taipa em casas de tijolos. Precisamos de estradas de boa qualidade não só para as pessoas se deslocarem mas também para escoarem a produção. Sobretudo, nós precisamos que o homem do campo tenha garantido o preço mínimo da sua safra.



Vocês sabem que o Brasil está vivendo um momento de inflação, inflação essa que está sendo resistente não só pela falta de gêneros alimentícios mas por falta de uma política dirigida a esse setor.

Preocupo-me muito com isso e queria abrir esse debate dizendo da minha insatisfação com a MP 610. Por mim, eu nem discutiria essa MP. Essa MP, para o Nordeste, é uma decepção total. Nós precisávamos perdoar as dívidas dos Pronafianos e dos pequenos e miniprodutores. Nós precisávamos renegociar as dívidas dos médios produtores, aqueles que investiram mais de 100 mil reais, com prazos e também com juros compatíveis, como o CNE.

Nós temos o CNE, que é justamente um instrumento muito importante, porque é dinheiro de um fundo que já está no Orçamento, portanto, dinheiro bom, dinheiro que não depende de liberação do Conselho Monetário Nacional.

Eu gostaria de abrir este debate ouvindo todos aqueles que desejam fazer a sua participação.

O Deputado Betinho Rosado está com a palavra.

O SR. DEPUTADO BETINHO ROSADO - Muito obrigado, Sr. Presidente.

Eu quero parabenizar o Centro de Estudos pela iniciativa. Há muito tempo acompanho este Centro, que produziu documentos e discutiu assuntos de absoluto interesse para a Nação brasileira.

E este momento em que o Centro de Estudos avoca, chama à responsabilidade, para discutir e ouvir uma alternativa para a seca é muito importante. E é importante, Deputado Inocêncio Oliveira, que isso seja feito sob a sua condução, pela mais absoluta experiência que V.Exa. tem nesta Casa como Líder de partido, Presidente da Casa, ocupante de diversos cargos da Mesa. Enfim, por uma vida inteira voltada a este Legislativo, V.Exa. conhece o funcionamento da política e, portanto, a sua presidência nos garante que nós vamos conseguir algum sucesso nesse negócio todo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Se Deus quiser.

O SR. DEPUTADO BETINHO ROSADO - Eu também tenho estudado e visto o Nordeste, porque eu nasci no Semiárido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - E é professor...



O SR. DEPUTADO BETINHO ROSADO - A minha cidade, Mossoró, está encravada na Chapada do Apodi, e todas as nossas ações são ligadas ao Semiárido. Então, o Semiárido faz parte do meu dia a dia: está no café da manhã, no almoço, no jantar, no lazer. Em todo canto, nós estamos mexendo com o Semiárido. Também, durante muito tempo, fui professor da Escola Superior de Agricultura de Mossoró, hoje Universidade Federal do Semiárido.

Há dois caminhos para nós, um deles é a irrigação. E essa irrigação não é mais adotada hoje, porque, lamentavelmente, os nossos agricultores não estão treinados para isso. Mas nós já temos uma oferta substancial de água no Nordeste brasileiro.

Portanto, o treinamento dos agricultores, não dos perímetros irrigados, com algumas experiências até negativas que temos; a irrigação; a ampliação da oferta de água; a transposição do São Francisco; as novas barragens — tudo isso é muito importante.

E o Centro de Estudos e Debates Estratégicos já produziu aqui um documento absolutamente importante, que estou juntando e tentando mandar para todos os Prefeitos, sobre a possibilidade da criação dos Centros Vocacionais Tecnológicos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - É verdade.

O SR. DEPUTADO BETINHO ROSADO - Eu acho que nós temos que criar isso onde existe essa oferta d'água.

Depois dessa questão da água, vem a questão das lavouras xerófilas. Eu observei que o PRONAF, que hoje contempla o grupo de agricultores que mais recebe recursos e assistência técnica do Governo, apresenta uma inadimplência crescente à medida que os empréstimos avançam nos anos. Então, Em relação a quem tomou empréstimo no ano passado, há a inadimplência de 1%. Em relação a quem tomou há 2 anos, a inadimplência já passa para 4% ou 5%. E em relação a quem tem 10 anos de empréstimo, já há de 80% a 90% de inadimplência, chova ou faça sol, o que mostra que a atividade que se está exercendo não tem nenhuma possibilidade de pagar o compromisso do empréstimo que se fez. Normalmente, os agricultores que fizeram esses investimentos para construir casa, construir cercas,



construir currais, desmatar, estão plantando milho e feijão e nunca vão conseguir pagar essa conta.

Mas o mundo todo tem mostrado que há possibilidade de convivência com o Semiárido: os Estados Unidos, o México e tantas outras regiões com clima semiárido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - A Austrália.

O SR. DEPUTADO BETINHO ROSADO - Recentemente, o Instituto de Tecnologias de Pernambuco, uma entidade nova que foi criada quando o Governador Eduardo era Ministro da Ciência e Tecnologia...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - O CETENE.

O SR. DEPUTADO BETINHO ROSADO - O Presidente hoje é Geraldo Eugênio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - É.

O SR. DEPUTADO BETINHO ROSADO - O pessoal de Pernambuco acabou de fazer uma viagem ao México e aos Estados Unidos para conhecer as soluções que esses países deram para as questões relativas ao clima semiárido. Existem soluções. Nós precisamos adotar essas soluções aqui, no Nordeste brasileiro.

Eu tenho notícias, de pessoas que fizeram essa reunião, de que arranjo produtivo do agave ou sisal, como a gente também o chama, é uma coisa espetacular: milhares de famílias estavam cultivando, produzindo tequila, produzindo ração para engorda e alimentação de animais, produzindo fibras e arte com essas fibras, cordas, tapetes, roupas. É uma questão de se debruçar sobre os assuntos e impulsionar, através do crédito, a possibilidade de implantação de sistemas como esse.

As lavouras xerófilas, que foram apregoadas por Guimarães Duque, por Felipe Guerra — que foi Deputado desta Casa, do Rio Grande do Norte, e escreveu o livro *Secas contra a Seca*, seca se combatendo com seca —, são exemplos de que essas possibilidades existem.

E eu imaginei, Presidente Inocêncio, que talvez a gente pudesse oferecer, dentro da Medida Provisória 610, uma alternativa para que a liquidação desses débitos fosse feita mediante a implantação de lavouras xerófilas pelos agricultores dentro das suas propriedades. Talvez seja essa medida a coisa mais concreta que o



Governo ou que a política já fez no sentido de criar um ambiente positivo de convivência com a seca.

Então, essa é uma ideia trabalhosa, difícil de ser executada. Eu participei de uma reunião com o Luciano, que já começou a detalhar uma ideia a respeito disso. Nós temos muitas possibilidades de oferecer alternativas concretas.

De resto, a questão da MP 610, com as suas nuances aqui e ali, está bastante discutida e analisada. As emendas ampliam de forma absolutamente significativa o alcance das medidas. As emendas têm condição de dar a sintonia fina que o Governo não viu.

O que eu sugiro e ofereço, como contribuição, é que essas liquidações sejam feitas mediante a implantação das lavouras de xerófilas no Semiárido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Gostaria de dizer a V.Exa. que o prazo de emendas já se encerrou. Por isso, nós precisamos fazer, talvez, uma emenda substitutiva de plenário.

O SR. DEPUTADO CESAR COLNAGO - Ou um trabalho com o Relator.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - É.

O SR. DEPUTADO CESAR COLNAGO - Quem é o Relator?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - O Relator é o Senador Eunício Oliveira.

O SR. DEPUTADO BETINHO ROSADO - Tem que chamar o Senador Eunício para cá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Na Comissão Mista. E o Relator substituto...

O SR. LUIZ HENRIQUE CASTELLI DE AZEVEDO - Deputado Paulão, de Alagoas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Paulão, de Alagoas.

Concedo a palavra agora ao ilustre Deputado Cesar Colnago.

O SR. DEPUTADO CESAR COLNAGO - Obrigado, Sr. Presidente.

Eu quero, primeiro, dizer que nós temos agora a eleição do 1º e 2º Presidentes do Conselho de Ética, e estão me chamando. Quero apenas fazer uma pequena reflexão.



Primeiro, Deputado Betinho, eu não tenho muita experiência com a seca. Apesar de nós termos uma área de SUDENE, neste momento a nossa situação não é tão dramática, com certeza, como a que vive o Nordeste.

E eu me lembro, há 15 anos, Deputado José Linhares, de um texto publicado, ainda no *Jornal do Brasil*, de Joaquim Nabuco. Embaixo do texto, ele dizia o seguinte: “*Esse texto não é de agora não, hein?*” Porque parecia a realidade do Nordeste há 15 anos.

E a minha reflexão vai muito além de governos. Como é que esta Nação vive 500 anos e não enfrenta e resolve estruturalmente o problema do Semiárido? O brasileiro é inteligente, não é um sujeito que não tem inteligência. Só pode ser, talvez, pelo fator de se querer a manutenção dessa situação. E aqui eu não estou contra nenhuma pessoa ou nenhum Governo. Do ponto de vista de nação, nós deveríamos ter resolvido isso há muito tempo.

Outros países já resolveram até situações mais problemáticas do que as do Semiárido, com apoio ao agricultor no sentido de que, naquele ambiente, ele consiga superar inclusive aquilo que ele consegue processar, seja do ponto de vista agrícola, seja do ponto de vista do artesanato, seja do ponto de vista mesmo de situações que criem uma ambiência diferente.

Não podemos eternamente viver em situações de agudização das secas. Eu sou médico, e a pior coisa do mundo é enfrentar o paciente quando ele está em situação extremamente aguda, em que você não faz toda uma ação anterior, preventiva para evitar a instalação do problema. Depois de instalado, você vai cuidar da fogueira, do problema agudo, e não da condição de estruturar políticas públicas no sentido da infraestrutura; dos investimentos necessários; dos problemas sociais; da educação; da capacitação e mesmo da difusão de conhecimentos técnicos e científicos ligados à sua realidade, principalmente à agricultura.

Aqui fala quem conhece pouco do Nordeste, Sr. Presidente. Já fui várias vezes ao Sertão, mas conheço pouco a sua realidade. Acho que não podemos ficar a vida toda com situações de tratamento de crise que passem por aquela ajuda que ameniza a situação aguda, como se fosse quase um benefício temporário, uma esmola ou coisa parecida, e não estruturarem realmente ações fundamentais. Eu sei que o Banco do Nordeste e outros estudos têm tentado trabalhar, mas eu acho que



essa é uma questão de política nacional para as regiões mais importantes deste País.

E, aí, quero dizer, tanto da fala de V.Exa. como também da do Betinho, que conhece profundamente a realidade do nosso Semiárido, do sertanejo e toda essa realidade que está no entorno do Nordeste. Eu não fui até lá recentemente; estive no Nordeste, mas na região da Grande Alagoas; não fui ao interior; fui muito pouco, já há quase 3 anos, quando estava menos seco, na transposição do Rio Francisco, no início do nosso mandato, mas as fotografias, os relatos, são dramáticos. Você perder 40% do rebanho é um prejuízo, e o Governo não pode tratar isso de forma superficial — o prejuízo das famílias, tanto material como também do ânimo de quem está vivendo ali. Não se pode perder a perspectiva. A expectativa é a esperança de ter ali melhores condições.

Por isso, neste momento, eu acho que o Relator tem um papel importante e fundamental, talvez de começar a estruturar algo que seja importante e definitivo para o Nordeste.

Estou fazendo parte do Conselho de Ética e estão me pedindo para participar da eleição.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Antes de V.Exa. sair, Deputado Cesar Colnago, gostaria de dizer a V.Exa. que desorganizou totalmente a economia do Nordeste. Regiões vão passar no mínimo 5 a 6 anos para se recuperar. Eu conheço a região que era a maior produtora de mel de abelha e hoje praticamente não produz mais porque não produz flores para que as abelhas produzam mel, e não há água para as abelhas. Nem água! Então, é um quadro dramático. É bom que a pessoa vá. Felizmente os meios de comunicações têm mostrado o quadro. Muitas vezes fazendas que tinham 500 reses perderam 350 a 400 delas. Quem não levou o rebanho do Nordeste para o Maranhão ou para o Pará o teve praticamente dizimado.

Então, hoje a economia é frágil. Já era dependente das Regiões Sul e Sudeste e hoje está muito mais frágil. Precisamos que o Nordeste seja solução e não que a Região viva dependente do Brasil. Precisamos de medidas efetivas de convivência do homem com a seca.



A Austrália faz agricultura e pecuária com cem milímetros; só chove cem milímetros. Em vez de plantar milho, planta sorgo, que dá cem milímetros, tem o mesmo valor nutritivo e o mesmo valor econômico-financeiro.

Segundo, planta Capim Buffel e Palma Forrageira que, com cem milímetros, sobrevive, e cria cabra, caprinos e ovinos deslanado, e dão uma economia a essas regiões. Por isso precisamos cada vez mais fazer um mapa geológico, um mapa geoeconômico de nossa região, para dizer quais são as regiões mais apropriadas.

Nós temos rios. O Betinho disse muito bem sobre o Açude Açú, no Rio Grande do Norte, o segundo do Brasil. Há a Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, que tem uma adutora de 400 quilômetros, e mesmo assim havia um projeto de irrigação que exportava muitas frutas, que praticamente fechou — quebrou —, e o Governo não se encarregou de recuperar. Há muitos perímetros dessa natureza. Em minha terra, quando eu era Líder do PFL, levei Fernando Henrique Cardoso com 20 Ministros, e ele inaugurou o maior açude de toda a região, o segundo do Estado de Pernambuco, com 320 milhões de metros cúbicos de água. Represa de 24 quilômetros e uma lama de 150 centímetros de camarão. Há 400 pescadores que vivem muito bem, em casas muito boas e tudo mais. Subiu o tucunaré. Eu coloquei 300 mil alevinos de tilápia num ano, e 150 mil no outro, e subiu o tucunaré e comeu tudo. Mas o tucunaré hoje é uma fonte de riqueza para a região. Eu fui a uma casa em que havia 400 pessoas, e todas as 400 votavam em mim. Quando cheguei lá, veio tucunaré à milanesa, tucunaré e tal, bobó de camarão, camarão médio, camarão grande. Daí eu disse: *“Eu saí de lá para comer bode; eu gosto é de bode, e vocês vêm me oferecer isso?”* Ela disse: *“Nós oferecemos o que temos. Sabe quantos quilos de filé nós vendemos por semana? Quatro mil quilos de filé de tucunaré a 6 reais.”* — São 24 mil, eu fiz a conta — *“Vendemos 5 mil quilos de camarão pequeno, para bobó, a 1 real”* — 5 mil reais a mais. *“Vendemos 3 mil quilos de camarão médio a 3 reais”* — são mais de 6 mil e faz 31 mil. *“E vendemos mais mil quilos do grande a 10 reais”. Então, são 41 mil*. Eu dividi por 20. Dava 2 mil e 100 reais, só por semana, só por semana. Então eu disse que era viável mesmo. E eles construíram cada casa, cada palacete. Fizeram a praça, a igreja, o posto de saúde, colocaram telefone, construíram tudo. E hoje eles vivem muito bem só porque aproveitaram os rios.



Nesse açude, eu fiz 4 mil hectares desmatado, fiz a estrada-contorno, coloquei energia e até hoje, desde Fernando Henrique, nunca fizeram a irrigação. Já cobre todo mundo, inclusive a Presidente Dilma, quando esteve em Serra Talhada. Agora, eu votei a cobrar a irrigação de Serrinha. Nós temos o Ministro responsável pela irrigação, Fernando Bezerra Coelho, meu amigo particular e sertanejo como eu. Eu pedi a ele: *“Fernando, coloque pelo menos 2 mil hectares aí. Já está feita a estrada-contorno; já está feito o desmatamento; já está feita a energia. Por favor, rapaz, aproveite isso, que vai mudar a fisiografia socioeconômica”*. Hoje, irrigação no Nordeste não come muita água, porque, Betinho, você sabe que antigamente era aspersão; depois, microaspersão; e, hoje, é gotejamento, que é o que há de mais moderno, dá uma boa produção e o consumo de água é pequeno.

Por isso, precisamos adaptar essas técnicas ao nosso Semiárido, para que a gente possa ter o homem no Nordeste. Eu estou com muito medo. Inclusive há um filme muito famoso, *Rio 40 Graus*, em que a criança, que hoje é um médico, colega meu, saía correndo atrás do pai dizendo: *“Pai, vamos embora para o sul, para a gente não morrer de fome; vamos embora para São Paulo, para a gente não morrer de fome”*. Não, hoje o Nordeste precisa que seus filhos tenham condições de viver em nossa região.

Com a palavra agora o ilustre Deputado Padre José Linhares.

O SR. DEPUTADO JOSÉ LINHARES - Meu querido Presidente, nobres colegas, quero primeiro saudar o Presidente, que tem sempre uma visão muito realista, e esse grupo que está aqui tem trazido para o Brasil inteiro algumas soluções que eu chamaria de alto alcance, sobretudo de resoluções de problemas que estão aí, a ensejar melhoria coletiva para todo o Brasil.

Agora nós estamos hoje com este problema. Nós tivemos aqui uma belíssima palestra. Eu acho que aqui quase todos assistiram à palestra do Presidente da EMBRAPA, a do homem convivendo com a seca. A mim me foi enviado por *e-mail* eletrônico e nós temos lá essa palestra dele. Mas eu quero focar quatro problemas fundamentais dentro desse problema que nós estamos vivendo.

Em primeiro lugar eu chamaria de um problema resiliente. Quer dizer, a seca só é olhada, ou o problema só é olhado quando o fenômeno chega. Passou. Se para



o ano nós tivermos alguma perspectiva de inverno, mesmo que não seja suficiente, então, tudo é esquecido.

Quando acabamos de ler o texto desta medida provisória, simplesmente é mais um paliativo. Eu diria que é menos do que paliativo, porque o agricultor que se endividou para fazer seu roçado não vai ter condições de pagar de maneira nenhuma, porque a pobreza... Eles estão vivendo dessa história do Programa Bolsa Família, que eu acho que é sempre necessária por enquanto, mas é um caminho de ensinar a mendicância, e não ensinar a pessoa a pescar. É sempre dando o peixe.

Então, são três problemas que eu acho fundamentais, pelo menos para nossa região. Primeiro, o problema da água. O problema da água está muito sério na região do Ceará. Por incrível que pareça, no Ceará, temos o Açude Castanhão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Seis bilhões de metros...

O SR. DEPUTADO JOSÉ LINHARES - Seis bilhões de metros cúbicos. Temos o Orós, tem o Banabuiú, tem o Araras Norte. Então, não há irrigação nenhuma nessas águas.

E depois não há o que se chama integração de bacias. Essas bacias poderiam estar integradas, e nós não estaríamos com carros-pipa levando doença para as crianças, para os adultos e, sobretudo, para os idosos.

Na minha cidade, nós estamos com 45 carros-pipa. Sobral está à jusante dos dois grandes açudes, então, nós não temos problema de água, estamos fornecendo água. Mas água bruta; não é água tratada. Então água bruta significa água contaminada. E água contaminada significa doença que nós estamos levando para as pessoas, embora seja paliativo porque ou leva água ou morre de sede.

Então, o problema fundamental é o que eu chamaria de estratégico, aproveitar o que já temos lá, aproveitar esse conjunto de água já acumulada e integrar esses conjuntos. Não está integrado. Esse seria o primeiro problema.

Segundo, o nosso homem do campo é um herói. Usando a expressão de Euclides da Cunha, *“o sertanejo é, antes de tudo, um forte”*, mas eu o chamo, antes de tudo, de um louco, porque quem fica naquele sertão bravo é realmente alguém audacioso, que começa a querer enfrentar a própria natureza. Ele sobrevive ali. Eu não sei. Nós passamos, eu levava Adib Jatene para olhar o hospital que eu dirigia, e quando nós chegávamos à altura de uma região depois de Itapajé, ele



olhou aqui do avião para baixo e disse: “*Aqui mora gente?*” Eu disse: “*E muita*”. Era uma população mais ou menos de 45 mil pessoas. Então, ele disse: “*Mas, não pode!*” Eu digo: “*Não pode não, vive. Agora, como vive, só Deus explica*”.

Então, o homem nosso persiste ainda. Por exemplo, nós temos um centro de ovinocaprinocultura com excelentes técnicos. Nós recebemos agora 45 PhDs. Eles têm trabalho em inseminação artificial.

Hoje, se você for a qualquer restaurante de Brasília e pedir um prato de ovino, custa quase o dobro do preço da carne. Eu fiz esta experiência agora, na semana passada. Havia um filé e um prato de carneiro. O filé custava 35 reais; o carneiro, 72,50 reais. Eu fiquei com aquilo na cabeça, porque eu achei que estava lá aquilo que outrora nós pensávamos.

O SR. DEPUTADO RONALDO BENEDET - Pouco fornecimento, não há frigorífico.

O SR. DEPUTADO JOSÉ LINHARES - Não há frigorífico, não há nada, nem aproveitamento de nada.

Então, o nosso homem não está atento porque nós não levamos um projeto, apesar de termos, como dizia Betinho, alguns centros de estudo. No entanto, não atingiu, não tem capilaridade, não há o que eu chamo de extensão. Nós temos bastantes pesquisas, nós temos até alguns estudos, mas extensão não.

Aliás, esse problema de extensão, eu, como professor de universidade, nas nossas universidades a palavra extensão é muito pouca. Estou aqui diante de um reitor, e peço licença a ele, mas eu também fui reitor e vi como era difícil fazer extensão e como não havia recursos para extensão.

Então, conhecimento, quer dizer, dar aula, até que nós temos; pesquisa, alguma coisa; mas extensão, o terceiro braço da universidade, não há. Então, o homem — eu acho que seria importante —, na extensão das nossas universidades, das nossas faculdades, dos nossos campos de pesquisa, levar a modificação, que eu chamo de cultura e mentalidade.

Nós não podemos, eu acho, na minha região... Você nasceu no Semiárido, eu nasci no sertão adusto, seco, que só tem mesmo mutambeira e, muitas vezes, nem essa prospera, e marmeleiro.



Minha cidade, embora seja uma ilha de prosperidade, uma cidade que tem cinco universidades...

O SR. DEPUTADO RONALDO BENEDET - Qual cidade?

O SR. DEPUTADO JOSÉ LINHARES - Sobral, uma cidade com enorme parque industrial.

O SR. DEPUTADO BETINHO ROSADO - É mais quente que Mossoró.

O SR. DEPUTADO JOSÉ LINHARES - Não, não vamos brigar porque as duas são igualmente quentes, e nós temos uma rivalidade histórica, Sobral e Mossoró, se bem que Sobral exporta conhecimento para Mossoró. Há vários professores nossos lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Em Mossoró, quando furam um poço profundo, quando não é petróleo, é água que fica jorrando.

O SR. DEPUTADO JOSÉ LINHARES - Então, esta mudança de mentalidade é que eu acho fundamental...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Onde há as maiores minas de sal da região.

O SR. DEPUTADO JOSÉ LINHARES - Outro problema que eu acho fundamental e que é seríssimo é que, eu, por exemplo, quando eu acabei de ler... Eu já tinha lido, levei isso aqui para ser discutido, e a Presidente foi duas vezes ao Ceará, nós estamos num período pré-eleitoral que é horrível, quer dizer, que foi lançada uma campanha antes do tempo. Então, nós estamos vivendo já no ciclo de eleição. Todo mundo só pensa e só raciocina... Esta Casa só está pensando e só está raciocinando neste problema de como a eleição vai proceder, tanto é que os candidatos já estão percorrendo todo o País.

Então, neste momento, quando nós chegarmos a conversar, um *petit* comitê com a Presidente, "*Presidente, a medida provisória não contempla absolutamente nada, absolutamente nada*". Ela diz: "*O que é isso? Não diga isso.*" "*Eu digo à senhora porque, primeiro, o problema da dívida, esse pessoal não tem condições*". Simplesmente. E depois, atualmente, o rapaz que está lá no Banco do Nordeste não gosta de diálogo. Nós já tentamos três vezes dialogar com ele, mas ele não tem sensibilidade. Eu acho que é porque ele não é da região; não sei qual é o problema, ou se ele não quer enfrentar.



Então, o problema dessa medida provisória... Seria até interessante nós trazermos aqui o Eunício, porque ele é um homem que também nasceu no Semiárido. Eu conheço a terra dele. A terra dele é de uma pobreza absoluta, Lavras da Mangabeira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Ele já está em outro nível.

O SR. DEPUTADO JOSÉ LINHARES - Então é um problema muito sério. Eu olhava o problema da água, o problema do homem, que precisa ser contemplado agora, na conjuntura, mas, sobretudo, nas medidas, como você sugeriu. E, naquele dia, nós vimos aqui que há medidas estruturantes que, se fossem implantadas, nós iríamos certamente, no próximo evento, já ter uma melhoria bastante acentuada.

E, depois, o trabalho de levar este homem para que ele possa modificar a mentalidade dele. Por exemplo, nós não temos mais rebanho. Nosso gado da região foi todo transferido para o Maranhão, porque fica mais perto do Maranhão. E, pense bem, este gado que vai para o Maranhão quando é que ele vai voltar, qual é o custo operacional da ida e do retorno?

Eu acho que é uma teimosia que o homem nosso tem lá. Nós precisaríamos ter alguma situação. E nós temos um laticínio dentro da minha cidade, mas a que custo e a que preço? Porque o gado está sendo alimentado, digamos, com ração caríssima.

Aqui falam de um negócio que vai chegar o milho. O milho está chegando lá a 53 reais a saca.

O SR. DEPUTADO RONALDO BENEDET - Pior que o nosso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ LINHARES - Cinquenta e três reais a saca. Como é que ele pode sustentar um rebanho de 20 cabeças de gado com o milho a 53 reais? Não pode. Não tem como.

E o pior é o seguinte. É que foi acertado que a CONAB mandaria o milho, mas não há transporte. Então, de que adianta o milho ficar em Tocantins e no Ceará o povo gritando, reclamando do Deputado, dizendo que o Deputado não se interessa. Mas não é que o Deputado não se interesse, o Deputado não tem é força, não tem é como. Falei com o Governador. Ele resolveu comprar e pagar ele mesmo



o transporte, mas ficou muito caro chegar com o transporte até lá. O milho ficou numa altura tremenda.

Aqui, na medida provisória, diz que vai ser distribuído milho, mas não chega nada. Então, a água é muito importante, sobretudo se nós pudéssemos fazer a integração entre bacias, já que nós temos reservatórios. Para mim o problema vai se agravar nos “b-r-o-bros”, quando chegar setembro, outubro, novembro, quando a evaporação vai se dar com maior violência, um dos períodos mais críticos. Em segundo lugar, quando realmente a intensidade do sol torna-se muito grande.

E, depois, aquilo que nós um dia discutimos aqui, outras alternativas. Nós estamos com a energia eólica instalada em sete grandes regiões, mas as linhas não são feitas. É incrível!

O SR. DEPUTADO RONALDO BENEDET - Estão mandando para onde essa energia?

O SR. DEPUTADO JOSÉ LINHARES - A energia está parada. Não vai.

O SR. DEPUTADO BETINHO ROSADO - Não tem os linhões.

O SR. DEPUTADO JOSÉ LINHARES - Não há distribuição. Parou.

O SR. DEPUTADO BETINHO ROSADO - Os instrumentos de eólica do Nordeste brasileiro pararam por conta disso. O Governo não planejou.

O SR. DEPUTADO JOSÉ LINHARES - Não há recurso. Então, temos lá e não vai.

Eu fui ver a transposição das águas do São Francisco na comitiva do Exército. Tanto na região de Pernambuco, como em outra região da Paraíba, quando a água estava lá, então, as bombas de elevatórias não têm dinheiro. Eu perguntei ao general que estava conosco quanto é que precisariam. Ele disse: “*Com um bilhão nós resolveríamos tudo isso.*”

O SR. DEPUTADO RONALDO BENEDET - Um bilhão?

O SR. DEPUTADO JOSÉ LINHARES - Então, um bilhão que não vale nada. Se olhássemos para outros problemas... Ficariam essas sugestões. Agora, dentro dessa medida provisória seria importante colocar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Está havendo votação nominal.

O SR. DEPUTADO BETINHO ROSADO - Vamos votar e voltar para casa.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Vamos votar.

O SR. DEPUTADO JOSÉ LINHARES - Eu não sei se eu volto porque há agora outra Comissão. Eu voto e vou tentar voltar, porque acho que...

O SR. DEPUTADO JESUS RODRIGUES - Sr. Presidente, eu só queria pedir atenção, porque talvez eu não consiga voltar, para a questão da Comissão Geral. O Presidente Henrique Eduardo Alves pede que nós juntemos os projetos que estão aqui. Que eles possam ser concentrados ou sistematizados, para que possamos apresentá-los ao Governo como consequência da Comissão Geral sobre a seca, ou, então, votar o que for nosso aqui. Se pudermos colaborar nesse sentido, eu acho que seria interessante.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Inocêncio Oliveira) - Queria propor aqui realizarmos uma reunião na próxima quarta-feira, com todos os colegas, quando quero fazer uma exposição sobre a convivência do homem com a seca.

A transposição foi feita de maneira errada; foi feita em canais abertos, que evaporam. Quando termina um trecho, 6 meses depois, pela insolação, o trecho já está estragado. Devia ter sido feito em canos fechados, como fez o Estado de Sergipe, em que todas as cidades, inclusive a Capital Aracaju, são abastecidas pelas águas do São Francisco.

Então, vão gastar mais de 10 bilhões de reais nessa transposição e vai ser inútil, porque vai ficar sempre estragada.

Outra coisa: é muito profunda, o homem não pode nem aproveitar disso. Então, seria preferível em canos fechados, porque a água não evaporava e poderia chegar a várias regiões.

Um abraço.